

DESVELANDO O DIÁRIO *LO ÍNTIMO* DE JUANA MANUELA GORRITI

Joselma Maria Noal

Resumo: O artigo apresenta *Lo íntimo*, da argentina Juana Manuela Gorriti (1816-1892), identificando características autoficcionais na obra classificada como diário: o jogo entre realidade e ficção, a tripla e uma identidade (narrador, protagonista, autora), a busca pelo autoconhecimento, o caráter terapêutico da escrita, a desordem cronológica. A análise abarca o estudo das memórias individual, coletiva e histórica, verificando como se entrecruzam na obra, reafirmando o caráter inovador da escrita de Gorriti que pode ser considerada uma precursora na escrita autoficcional hispano-americana.

Palavras-Chave: Juana Manuela Gorriti. *Lo íntimo*. Memória.

DESVELANDO EL DIARIO *LO ÍNTIMO* DE JUANA MANUELA GORRITI

Resumen: El artículo presenta *Lo íntimo* de la argentina Juana Manuela Gorriti (1816-1892), identificando las características autoficcionales en la obra: el juego entre realidad y ficción, la tripla y una identidad (narrador, protagonista, autora), la búsqueda por el autoconocimiento el carácter terapéutico de la escrita y el desorden cronológico. El análisis abarca el estudio de las memorias individual, colectiva e histórica, verificando como se entrecruzan en la obra, reafirmando el carácter innovador de la escrita de Gorriti que puede ser considerada una precursora en la escrita autoficcional hispanoamericana.

Palabras-Clave: Juana Manuela Gorriti. *Lo íntimo*. Memoria.

Lo íntimo de Juana Manuela Gorriti apresenta a estrutura de um diário escrito ao longo da vida, entre os anos 1874 e 1892 e concluído doze dias antes de sua morte. *Lo íntimo* é considerado diário e pode ser lido como romance, no entanto classificá-lo apenas como diário é reducionista, a medida em que desconsidera as características da autoficção sobressalentes na

¹ A edição escolhida para análise de *Lo íntimo* é a da Buena Vista Ediciones de Córdoba, que faz parte da Colección Antiguas Primeras Escritoras Argentinas, sob coordenação de Mariana Ocampo, publicada em 2012, 132 páginas. Na apresentação denominada *La escritura en tránsito*, Esther Andrali relata que o livro é um milagre, por ter chegado às suas mãos na edição de 1992, com ensaio biográfico de Alicia Martorell, por meio de Lea Fletcher, diretora da Editora Feminaria. E considera o livro um milagre também devido à atualidade dos temas tratados: “[...] es tan contemporáneo como la escritora que se templa tras el texto” (2012, p. 11).

narrativa. Destacamos entre elas: a identidade onomástica; as histórias centradas no “eu” que fabula; a necessidade de contar a sua história de vida como meio de compreensão de sua identidade e como forma de perpetuar-se através da arte.

Juana Manuela Gorriti escreve em primeira e em terceira pessoa, tratando-se a si mesma como personagem em uma transmutação no jogo entre realidade e ficção, como é característico dos textos autoficcionais, segundo Manuela Ledesma (1999). O relato memorialístico e a criação literária confundem-se na obra como em um jogo de espelhos. O gênero autoficcional é estruturado na tripla e una identidade: narrador, protagonista, autor na busca pelo autoconhecimento em um jogo de presenças e ausências, como em um jogo de espelhos, como demarca Aimée Bolaños:

El protagonismo del autor extradiegético que como demiurgo instaure voces y visiones, cede paso a una visión dialógica, cargada de contradicciones. De este modo nos sitúa en el centro de los conflictos y de la conflictiva naturaleza de la escritura que es precisamente ficción y memoria, imposibilidad de conocer y autoesclarecimiento, juego sutil de presencias y ausencias (BOLAÑOS, 2002, p. 24).

Camille Renard (2010) apresenta a escrita autoficcional como um gênero literário novo, baseado em três elementos: o inconsciente, a escrita, a cura analítica (terapêutica), a partir da análise da obra *Fils* de Doubrovsky. Kelly Duarte (2010), apesar de referir-se à literatura do século XX, aproxima-se muito da escrita autoficcional produzida por Gorriti no século XIX, ao apresentar a autoficção como:

um espaço de restituição e recomposição dos resquícios do vivido, da memória em um período pós-guerra ou pós-trauma, a nova escritura do “eu” que emerge ganha dimensões terapêuticas de uma “escrita reparadora”, dando conta de um sujeito fragmentado e de uma nova percepção de si mesmo” (DUARTE, 2010, p. 27).

A busca pelo autoconhecimento e o caráter terapêutico, característicos da autoficção, estão na obra de Gorriti. Para a autora

argentina, o ato de escrever é uma maneira de sobreviver, por isto não abandona a escrita literária, mesmo ao final da vida, conforme pode ser comprovado pela última data no *Lo íntimo*: “Así, sin fuerzas, sin ánimo, estoy escribiendo todavía; pero escribiendo largas horas, como el que tiene miedo de la jornada impuesta” (GORRITI, 2012, p. 91).

A escrita é fragmentária, nem sempre datada como em um diário tradicional, a obra inicia sem qualquer data, há menção ao nascimento e à idade da autora, aos seis anos, na página 18. Ao recontar a história familiar, explicita logo depois a data de 1830 (p. 23). No entanto, como mencionado anteriormente, somente na página 33 é datado e exposto o local de escrita: Lima, 13 de junho de 1874, saltando um ano na mesma página: Buenos Aires, 1º de janeiro de 1875. Portanto, *Lo íntimo* não segue nenhuma ordem cronológica, como pode ser averiguado ao longo do livro, no qual a autora tece um jogo de ir e vir no tempo, ora escreve sobre o presente, ora sobre o passado, alternando, também, a primeira e a terceira pessoa. O fato de *Lo íntimo*, apesar de datado, não seguir uma ordem cronológica, de ocorrer um salto no tempo, um ir e vir na história narrada está em conformidade com o destacado por Faedrich (2015) sobre a desobediência à linha cronológica na escrita autoficcional.

Pode-se observar o fato da narrativa iniciada por Juana Manuela Gorriti ter como primeira data o 13 de junho de 1874, mas a escrita poderia ter iniciado inclusive antes, sem a autora ter feito referência a data e local, e sendo concluído somente em 25 de outubro de 1892. A escrita é realizada no presente, apresentando episódios do passado e repassando as diferentes etapas da vida da autora. A obra teve sua primeira edição no ano de 1898 e, segundo estudiosos, ocorreram cortes na versão inicial por parte do filho e da nora responsáveis pela publicação. A supressão de alguns fragmentos em *Lo íntimo* pode ter ocorrido devido ao preconceito existente na época com relação a uma mulher escritora; o filho, responsável pela publicação, provavelmente, teve como objetivo a “proteção” da imagem da mãe. Devido às supressões, não há certeza sobre o velado e o desvelado a respeito da vida pessoal da autora no livro. Observam-se as ausências sobre os vínculos afetivos amorosos (como Belzú na figura de marido e sobre a relação com Sandoval que sequer é mencionada), pois nada há nas edições da obra acessíveis ao público. Como não houve contato com os manuscritos, restam

dúvidas sobre se realmente Juana Manuela não quis expor sua vida pessoal amorosa ou se o filho suprimiu tais trechos do livro.

Lo íntimo é escrito com a intenção de ser publicado, algo a ser considerado, posto que existe uma seleção nos eventos narrados. Espaço público e histórico é enlaçado ao espaço pessoal e familiar na escrita da obra. Fibla enfatiza que Gorriti planeja o modo como quer ser recordada, molda a própria vida para apresentá-la ao público. Juana Manuela projeta a escrita da obra autoficcional como se fosse o epitáfio:

Aquí yace la escritora y sus escritos. [...] Este es el autobiografema fundamental que orienta la obra, nada resume mejor su deseo de permanencia y las insidiosas señas de autorrestauración pugnan por sobrevivir a la privación de la vida y del lenguaje (FIBLA, 2008, p. 307).

Outra marca significativa do livro é a do resgate histórico, pois Juana Manuela Gorriti atua como testemunha da história de sua terra natal, Argentina, bem como dos países adotados como morada, Bolívia e Peru. A vida inicia e finaliza na Argentina, o ponto de origem é também o de morte, como analisa Batticuore:

Horcones se convierte a lo largo de la producción de Gorriti en la escena fundante, constitutiva del sujeto y la escritura: es el lugar adonde acudirá la narradora-autora a «reconstruir su vida despedazada», el sitio que abre la ficción autobiográfica (BATTICUORE, 1994, p. 30-31).

Com relação à escrita diarística, os estudos de Amo (2016) ressaltam que este gênero se aproxima mais da Literatura que da História (AMO, 2016, p. 287-288) e a narrativa admite uma leitura referencial e uma leitura ficcional (AMO, 2016, p. 290). *Lo íntimo* é um diário literário, porque pode ser lido como ficção, devido à linguagem, à escrita fragmentária, à singularidade na forma de narrar, à emoção transposta no texto, em contraposição ao diário referencial ou de narrativa cujo caráter é meramente testemunhal. Jordi Gracia afirma que os diários de alguns escritores são considerados literatura graças a essa matéria particular que é o eu diluído na narrativa (GRACIA, 2004, p. 230 *apud* AMO, 2016, p. 292).

Sobre a identidade do sujeito, Alberca (2008, p. 100) afirma que pode ser observada no jogo dialético entre o público e o privado, entre o desejo e a realidade, entre o que é e o que parece. O eu autoficcional oscila entre a ausência de uma identidade própria e a necessidade de autoinvenção, e o autoconhecimento pode ser considerado impossível (ALBERCA, 2008, p. 96). A fragmentação e a descontinuidade do sujeito não são características exclusivas do eu autoficcional, mas a intensificação destas características, sem dúvida, demarca o gênero (ALBERCA, 2008, p. 96).

Juana Manuela atua como protagonista, como testemunha da história na autoficção, molda a sua imagem para que o leitor a conheça da forma desejada por ela. Narra as travessuras da infância, relata o amor à pátria, aos países nos quais residiu, à família e aos amigos, nada diz sobre os amores (ou foi suprimido pelo filho, responsável pela publicação, conforme mencionado anteriormente), preserva-se, mostra-se, esconde-se, reveste-se de máscaras: a filha do herói, a mãe sofredora, a idosa doente, a mulher escritora, sendo a última a mais importante de todas.

Segundo Hans Rudolf Picard (1981), o diário caracteriza-se por um tom confessional centrado no eu, mas apresenta uma imagem filtrada de si mesmo, através de um temperamento particular, o projeto de uma ideia, mais inconsciente que consciente que o eu tem de si mesmo. A origem do eu é a motivação da escrita diarística, no entanto o eu esconde-se em alguns momentos da narrativa com imagens e ações do imaginário. O eu produz um texto, a partir de uma visão de si mesmo e de uma realidade simbólica e estética: “En última instancia, también la descripción del yo que se encuentra en el diario, incluso la que más se parezca al documento, esconde un yo en cierto sentido ficcional.” (PICARD, 1981, p. 117). Fato que explica a razão pela qual o autêntico diário ter adquirido o *status* de público e literário. O diário parte de um eu, da mesma forma que a literatura foi a condição ontológica latente para considerar a escrita diarística como tal (literatura): “Assim, o diarista torna-se personagem literário” (PICARD, 1981, p. 120).

Em *Lo íntimo* a autora/narradora/protagonista reconta sua história de vida pessoal e a história dos países nos quais viveu ao longo da vida: Argentina, Bolívia e Peru. Assim, as obras não apresentam tão somente um caráter individual, mas também um caráter coletivo, ao reconstruir

momentos históricos significativos. De acordo com Molloy (1996, p. 197), o exercício da memória não é apenas privilégio de um único sujeito, abarca um dever cívico. Ao recordar o passado individual, ocorre a reconstrução do retrato de uma nação, de um passado histórico comum.

Para Ricoeur (2007, p. 359-360), a memória tem por objeto, não preferencial, mas, exclusivamente, o passado. A continuidade temporal da pessoa é assegurada pela memória, já que esta é o presente do passado e a identidade pessoal é, portanto, uma identidade temporal. A concepção de que memória é passado está em Aristóteles, é repetida por Santo Agostinho e é reiterada por Ricoeur (2007, p. 107).

De acordo com Bergson (1999, p. 89), a memória não representa nosso passado, ela o encena, já não conserva momentos antigos, mas, sim, prolonga o seu efeito útil até o presente. Um dos momentos de retratação do passado em *Lo íntimo* realiza-se quando a narradora revela a emoção ao receber o exemplar da *Bohemia limeña*, de Ricardo Palma²:

Qué inmenso pasado se me está apareciendo en esas páginas tan bellas, más, mucho más para mí, que recorro en ellas nuestra vida de otro tiempo; tiempo de entusiasmo y de fe, de afanoso vivir, pero de dulcísimo esperar.

Ahí están mis antiguos amigos, todos desaparecidos, porque los unos han muerto y los otros han cambiado: ahí el recuerdo de las sabrosísimas charlas, cimientos de tantos versos y novelas... (GORRITI, 2012, p. 79).

Bergson (1999, p. 89-91) acredita que há dois tipos de memórias: uma que imagina (pode ser considerada a memória por excelência), outra que repete, sendo que a segunda pode substituir a primeira. Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso abstrair a ação presente e querer sonhar. O passado que buscamos remontar sempre é escorregadio, a ponto de nos escapar, a considerar, segundo Bergson:

² Escritor peruano (1833-1919), amigo pessoal de Juana Manuela Gorriti. As correspondências trocadas entre eles originaram o livro: BATTICUORE, Graciela. Juana Manuela Gorriti, Cincuenta y tres cartas inéditas a Ricardo Palma. Fragmentos de lo íntimo. Buenos Aires-Lima 1882-1891 Lima, Universidad de San Martín de Porres, 2004.

A memória é a síntese do passado e do presente com vistas ao futuro, na medida em que condensa os momentos dessa matéria para servir-se dela e para manifestar-se através de ações que são a razão de ser de sua união com o corpo. Tínhamos, portanto, razão ao afirmar, no início deste livro, que a distinção do corpo e do espírito não deve ser estabelecida em função do espaço, mas do tempo (BERGSON, 1999, p. 259).

A força interior que permite ao ser vivo libertar-se do ritmo do transcorrer das coisas, reter cada vez melhor o passado para influenciar mais profundamente o futuro, ou seja, enfim, sua memória (BERGSON, 1999, p. 261).

E complementa Gaston Bachelard (1996, p. 114): “Quanto mais mergulhamos no passado, mais aparece como indissolúvel o misto psicológico memória-imaginação”. A fabulação faz parte do relato de memória, não há outra forma de recontar a própria vida, senão através da ficção, da imaginação, porque o fio da memória é tecido junto com o fio do imaginário. Bergson afirma que o passado se conserva inteiro e nos segue a todo o momento: “o que sentimos, pensamos quisemos desde a nossa primeira infância está aí debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo do lado de fora” (BERGSON, 2006, p. 47-48).

O passado só retorna à consciência para ajudar na compreensão do momento presente e na previsão do futuro. No sonho, encontra-se o espaço para reviver lembranças, de acordo com o pensador. E a literatura autoficcional, por sua vez, não exerceria a mesma função, não seria este o gênero capaz de trazer à consciência as lembranças mais profundas do ser?

Sobre a escrita de *Lo íntimo*, Mizraje afirma que:

Rasgar las páginas de lo íntimo es rasgar las vestiduras de la palabra (quedar al desnudo) y del propio afán de la memoria mientras quien escribe oscila; rasgar, al fin, las posibilidades de la muerte. La pluma de Juana Manuela corta mientras traza su letra empecinada. Recorta los datos imposibles de mostrar, selecciona los fragmentos narrables. Entrecorta la respiración en su ritmo escriturario, cuanto más se acerca al final, cuanto más la

enfermedad la acecha, es la escansión jadeante de la bronconeumonía y del dolor la que impone los períodos narrativos. Corta Lo íntimo, lo suspende en puntos que demarcan con precisión el umbral de su muerte inmediata (MIZRAJE, 1995, n.p.).

No prólogo, Juana Manuela Gorriti lamenta a vida longa em lugar dos tantos jovens que partiram precocemente, é feita alusão ao falecimento das filhas na juventude: “Huésped retardado en la jornada de la vida, averguenzáme de ocupar todavía, en perjuicio de otor, un puesto en el hogar...” (GORRITI, 2012, p. 15), confessando que foge de si mesma e faz referência a seus outros livros:

Huyendo del intolerable YO, eliminé de mis libros y hasta de El mundo de los recuerdos muchos sucesos inseparablemente ligados al enfadoso pronombre, resuelta a pasarlos en silencio, por más que anhelara confiar a un oído amigo, gratas o dolorosas memorias (GORRITI, 2012, p. 15).

A autora encerra o prólogo apresentando o livro como observações suas marcadas por uma vida longa, diversificada e próxima a concluir-se, conforme ela anuncia: “Lo íntimo son observaciones y apreciaciones de la autora a través del tiempo, con el criterio de una larga y variada existencia, hoy próxima concluirse. La autora, Julio de 1892” (GORRITI, 2012, p. 15). Dessa forma, o prenúncio da morte é anunciado por Gorriti e, talvez, seja um estímulo à escrita da obra e cabe lembrar que a perpetuação do ser pela arte está na autoficção de Gorriti.

Importante marcar a presença das lembranças da infância muito significativas nos estudos sobre a memória de Maurice e Halbwachs (1990) para reconstrução da memória pessoal e viria conjuntamente com a memória histórica no resgate de eventos da história nacional:

Quando se trata de lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, que reproduziria tal como nossas impressões de outrora, que não nos faria sair do círculo estreito de nossa família, da escola e de nossos amigos; e uma outra memória que chamaríamos histórica, onde não estariam

compreendidos senão os acontecimentos nacionais (HALBWACHS, 1990, p. 40).

Lo íntimo inicia no lugar da infância, a primeira palavra do livro é: *¡Orcones!* A narradora relembra e lamenta os ocorridos da guerra, a destruição de um lugar um dia esplendoroso. A memória pessoal e a memória histórica atuam na recuperação da vivência da guerra. A autora busca autorreconstruir-se através da reconstrução das lembranças, no exercício da memória, no relato de si:

¡Ah! cuantas veces huyendo del desolado presente, he tenido necesidad de refugiarme como mi único asilo en las sombras del pasado y evocar las nobles acciones de los muertos, para olvidar la infamia de los vivos; asirme a la memoria de las virtudes de aquellos, para perdonar a la providencia los crímenes de éstos; colocar en la balanza la deslealtad, la perfidia, la cobardía y la impiedad con que los unos han escandalizado y entristecido mi juventud, y la lealtad, la fe, el heroísmo y la piedad con que los otros ungieron mi infancia para decir: ¡Dios es justo! (GORRITI, 2012, p. 17).

A autora foge do presente e busca refúgio no passado. O olhar para o passado ajuda a compreender melhor os fatos históricos, a evocar o heroísmo dos mortos e a esquecer a infâmia dos vivos. Para Gorriti a memória das virtudes dos mortos ajuda a perdoar os crimes cometidos pelos vivos.

Jean Duvignaud declara que “somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica” (DUVIGNAUD, 1990, p. 6). A memória histórica busca a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, já a memória coletiva reconstrói magicamente o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual, desenvolvem-se as diferentes formas de memória: “A memória coletiva situa-se na intersecção de várias séries aproximadas pelo acaso ou afrontamento dos grupos: a memória não pode ser o alicerce da consciência, uma vez que ela é tão-somente uma de suas direções, uma perspectiva possível que racionaliza o espírito” (DUVIGNAUD, 1990, p. 7).

De acordo com Halbwachs (1990, p. 36), as memórias individuais estão inseridas na memória coletiva, mas as duas não se confundem. No caso de algumas lembranças individuais penetrarem a memória coletiva, essas mudam de figura ao serem recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal, pois: “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 36). Halbwachs considera a memória histórica como uma memória emprestada, tendo em vista que não é uma memória pessoal, trata-se, sim, de uma bagagem de lembranças históricas carregadas pelo sujeito, podendo ser ampliada pela conversação ou pela leitura.

A diferença entre memória autobiográfica e memória histórica, segundo Halbwachs (1990, p. 37), consiste em que a primeira se apoiaria na segunda, porque toda história pessoal faz parte da história em geral, sendo a segunda bem mais ampla do que a primeira. A memória histórica não é capaz da representação do passado senão sob uma forma resumida e esquemática, a memória pessoal, autobiográfica, por sua vez, pode apresentar um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Já Arfuch (2010, p. 69-70) destaca os tipos de valor biográficos nos estudos de Bakhtin (1982, p. 140): heróico, transcendente, alimentado por desejos de glória e posteridade; cotidiano, baseado no amor, na compreensão e na imediaticidade; aceitação positiva do fabulismo da vida. Arfuch (2010, p. 107) aproxima o pensamento de Charles Taylor, que considera a estreita relação entre o “eu” e o “nós” do de Bakhtin, que concebe o “quem sou” como indissociável do “onde estou”. Sendo assim, tanto o lugar de origem, como o lugar de morada define o sujeito, o espaço contribui para a formação do caráter individual e coletivo do sujeito. Pode-se considerar, portanto, a representatividade de Juana Manuela Gorriti como primordial, não só para a história da literatura argentina, como também para a boliviana e a peruana, já que residiu nestes locais por muitos anos, escreveu, influenciou e refletiu sobre estas nações.

Também sobre o caráter de coletividade, Arfuch (2010) menciona o pensamento de Bakhtin que concebe na escrita autobiográfica a relevância da

representação da família, da nação e da humanidade cultural e cita: “Nenhum autorretrato poderá se desprender da moldura de uma época” (ARFUCH, 2010, p. 141).

A autoficção em *Lo íntimo* é alimentada pelo individual e pelo coletivo, abarca o fantástico e o histórico em um único discurso:

Recuerdo, memoria, sueño, tradición, parecen alimentarse de lo colectivo y de lo particular en un relato – extraído del diario autobiográfico – en que se conjugan elementos fantásticos e históricos a expensas de un yo puesto en discurso, mas al arbitrio de la persona biográfica del registro de la tradición (ARROYO 1999, p. 21-22).

Em *Lo íntimo*, pode-se perceber a manifestação da memória pessoal e da histórica. A narração memorialística exerce a função de recuperar o passado histórico, político e cultural. Ao rememorar o passado, Juana Manuela Gorriti, além de recontar sua história pessoal e a história das pátrias nas quais viveu, principalmente a de sua terra natal, busca também a compreensão do momento presente, através da história pregressa e a perpetuação dela como intelectual e escritora, como também a de seu pai como figura nacional argentina. A perpetuação do sujeito, por meio da literatura, pode ser considerada um dos objetivos da escrita autoficcional.

Em *Lo íntimo*, a autora escreve sobre a importância da literatura em sua vida: “torrentes de vida se agitan en torno mío y agitarse la mía con el poderoso galvanismo de la literatura” (GORRITI, 2012, p. 37). A protagonista apresenta o livro como registro de sua história pessoal, é porta-voz de sua família, exerce a função de narradora da história da Argentina, da qual é testemunha, conforme anuncia no início da narrativa:

La que esto escribe nació en la frontera de Tucumán y en el recinto de un campamento. Pasé los primeros años de mi infancia en la soledad de los campos, donde mi padre, coronel en el ejército patriota, había juzgado necesario relegar su familia, pues, las ciudades eran entonces, el teatro de la guerra.

Crecí entre los rebaños, sin otra sociedad que los pastores y los soldados de mi padre (GORRITI, 2012, p. 18).

Juana Manuela preocupa-se em narrar os fatos históricos, como o faz ao contar sobre o assassinato de Manuel Prado (p. 52), momento em que revela profundo desprezo pelos partidos políticos, porque formam um hediondo aglomerado de ambições individuais, nos quais imperam a cobiça, o egoísmo e a mesquinharia. Ao escrever sobre o processo de eleições, (p. 52), em fevereiro de 1886, caracteriza os partidos como mesquinhos e falsos. Nessa mesma data, há outra menção da autora sobre o Peru: “Estamos en plenos combates eleccionarios y, aunque el revólver y el puñal están a la orden del día, no llegará la sangre al río. [...] En la vida como en el combate, la retirada es fatal; débese ir siempre adelante, aunque sea al abismo” (GORRITI, 2012, p. 75-76).

Ao referir-se ao Peru, em 24 de dezembro de 1881, Gorriti escreve: “Aléjome de este desventurado país, para el que yo no veo remedio alguno en toda extensión de sus horizontes político y social; porque está minado hasta lo más hondo de sus entrañas por la lepra de una incurable corrupción” (GORRITI, 2012, p. 57). Logo após, afirma que “admiro como nadie la grandeza de esa nación, hoy la primera en todo, pero de un egoísmo nacional superlativo” (GORRITI, 2012, p. 58). Já sobre a Bolívia, a autora menciona, em novembro de 1882, em Buenos Aires: “Era el año 26, Bolivia acababa de fundarse, era Presidente el general Sucre y el libertador mismo se encontraba en la ciudad” (GORRITI, 2012, p. 61).

Na escrita autobiográfica hispano-americana, o papel da memória exige análise da posição do autobiógrafo ao construir seu relato de vida. O presente da escrita condiciona o resgate do passado, assim o “quando” e o “onde” é mais recordado do que o fato recordado em si (MOLLOY, 1996, p. 186). A conexão entre a memória própria e a memória dos outros contribui, segundo Molloy (1996, p. 214), para o tom nostálgico de algumas obras hispano-americanas. O autor coloca-se como testemunha privilegiada, tendo em vista que está em contato com um passado já perdido para o leitor e a obra autoficcional pode devolver este passado com a aura da experiência vivida.

A revelação do pessoal e do coletivo que, pode ser considerada uma herança autobiográfica, apresenta-se nos fragmentos supracitados. Nas referências aos países, a autora tanto o faz de modo crítico, como também

afetivo. Cabe ressaltar que a autora adota posicionamento político, destacando-se como uma intelectual comprometida com a sociedade, pois estimula discussões políticas relevantes nas veladas literárias, realizadas em sua residência no Peru. A atuação como enfermeira em 1865, no Combate de 2 de Maio e em 1869, durante a epidemia da Febre Amarela, também demonstra seu envolvimento e responsabilidade social.

O contexto sócio-histórico é significativo na narrativa autobiográfica que pode, inclusive, transformar-se em uma épica coletiva, característica no âmbito argentino e hispano-americano do século XIX e começo do século XX, conforme o fragmento a seguir:

a escrita autobiográfica, cuja autoria remete em muitos casos a figuras públicas, políticas ou intelectuais protagonistas, apresenta uma trama frequentemente indiscernível entre o individual e o coletivo, e a identidade pessoal e desenha quase obrigatoriamente no horizonte da construção da identidade nacional, seus conflitos, mudanças de valores e transformações, denunciando fortemente as marcas dessa agitação (ARFUCH, 2010, p. 141-142).

Gorriti expõe a dificuldade financeira e o seu conformismo com a situação, em Lima, num trecho datado de 11 de março de 1876: “La vida en lo material se ha reducido para mí a su menor expresión. Tengo dos túnicas negras y un manto. Con este guardarropa me basta para la calle y la casa. [...] parezco uma Sibila” (GORRITI, 2012, p. 37-38). Apesar do modesto traje, sente-se Sibila, com poderes proféticos.

Na sequência escreve sobre a fome: “me paso los días sin llevar un bocado a los labios, enteramente absorta en mis pensamientos, y solo pienso em ello cuando los clamores de mi estómago me fuerzan a descender a la tierra” (GORRITI, 2012, p. 38). Além disso, a tristeza diante da vida difícil da autora é relatada sobre a doação da joia recebida na homenagem quando esteve em Salta, situação essa que deve atingir igualmente outras famílias de exilados, já que menciona a pensão recebida pelo governo, em 3 de agosto, nas últimas páginas do livro:

Nunca como ahora he lamentado la pobreza en que la enorme reducción económica hecha a la pensión que el Congreso me declaró, me ha dejado, quién sabe por cuánto tiempo, y que me impide ofrecer lo que yo deseaba a la nueva construcción de la “Rosales”.

Pero, al menos, envíele por conducto de “El Diario” la única joya que poseo: la pluma de oro, para mí de valor inmenso con que la bondad de las damas argentinas me obsequió con una medalla de honor a mi regreso a la patria (GORRITI, 2012, p. 129-130).

A primeira mudança de status social ocorre na condição de imigrante, quando a família parte para a Bolívia, como é retratado, a partir da venda de todos os utensílios da casa: “Más tarde, cuando saqueados y proscriptos huimos de la patria, la vajilla vendida, pieza a pieza, sirvió para sustentar nuestra vida en el destierro” (GORRITI, 2012, p. 123). A triste realidade vivida pela família da autora também foi a de outros desterrados, lideranças políticas fracassadas na Argentina no mesmo período e que foram obrigadas a emigrar.

Sobre a crise econômica na Argentina, a autora escreve na data de 24 de maio: “Aquí nos encontramos en espantoso desastre financiero, que ha cambiado de un modo siniestro la faz floreciente que ayer ostentaba este país. Quiebra general” (GORRITI, 2012, p. 107). As manifestações críticas de Gorriti sobre política e economia fazem parte da memória histórica e não revelam apenas a história pessoal e familiar, tratam-se, sim, de registros de momentos históricos tanto na Bolívia e no Peru como na Argentina.

Molloy aponta o pequeno espaço atribuído à infância nas narrativas autobiográficas hispano-americanas do século XIX. Gorriti inicia *Lo íntimo* evocando a infância e esse momento da vida, apesar de não registrar em muitas páginas, mostra-se relevante para a sua formação como sujeito. O distanciamento do lugar de origem leva o autobiógrafo, de acordo com Molloy, à criação de um lugar comum estável para o exercício da rememoração, o lar da infância, a casa familiar, que é considerado como o refúgio da memória (MOLLOY, 1996, p. 225). Arfuch destaca a impossibilidade de recuperar a infância, de acordo com Benveniste: “Nunca recuperaremos nossa infância, nem o ontem tão próximo, nem o instante que fugiu instantaneamente”

(ARFUCH, 2010, p. 113). A obra inicia com o lugar da infância, que é, principalmente, uma metáfora da escrita e constitui para Gorriti a cifra de todos os relatos possíveis, é o anedotário da pátria e da memória pessoal, pois ali convergem todas as ficções, segundo Batticuore (1994, p. 31). Esta marca significativa da infância na escrita autoficcional de Gorriti pode ser considerada uma herança da autobiografia.

Cabe destacar que Gaston Bachelard (1996, p. 109) considera a infância o poço do ser, a época da vida na qual se pode mergulhar em solidão e em silêncio e aprofundar a busca sobre si mesmo. Memória e imaginação são, para ele, como processos da ordem do Animus e da Anima. O animus revela nossa história, através da memória. E a anima revela os valores de nossa intimidade, através da imaginação. Segundo Bachelard, a infância dura a vida inteira: “A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária” (BACHELARD, 1996, p. 94).

A obra *Lo íntimo* inicia como um retrato da infância da autora/narradora/protagonista, mas não constam datas, nem mesmo a do nascimento de Juana Manuela. O nome do local da primeira morada é o primeiro vocábulo e segue qualificando-o como lar paterno, lamenta o estado em ruínas desse local outrora esplendoroso. E começa a autora/ narradora/ protagonista a tecer o fio da memória ao rever os muros desmoronados, as galerias fundidas, as raízes da figueira, o troco da laranjeira, o silêncio e a solidão em um local antes de barulhentas festas.

E segue rememorando: “Tus avenidas están desiertas y la yerba del olvido crece sobre tus umbrales abandonados” (GORRITI, 2012, p. 17). É a voz da imigrante, da que perdeu familiares na guerra a relatar o seu destino doloroso. Ao tratar do evento da guerra, pode-se perceber a presença da memória histórica: “Un día la fatalidad penetró en tu alegre recinto, arrebató a tus huéspedes desprevenidos, los esparció a los cuatro vientos del Cielo. ¿Qué fue de ellos?” (GORRITI, 2012, p. 17).

Segundo Gaston Bachelard, o lar remete à infância e a rememoração desta etapa da vida é fabulada, pois o sentimento e o afeto não nos permitem atuar como historiadores:

Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. [...] É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis (BACHELARD, 1996, p. 201).

Juana Manuela é consciente de que na rememoração do passado poderá reconstruir a sua história de vida no presente. A autora sabe que sua identidade perdida está, justamente, ali em meio aos escombros daquele lugar:

!Ah! Yo también, sombra viviente entre varias sombras, yo también voy ahí con el recuerdo a reconstruir mi vida despedazada por tantos dolores y extraer del delicioso oasis de la infancia, algunos rayos de luz, algunas flores, para alumbrar y perfumar mi camino (GORRITI, 2012, p. 17-18).

Ao rememorar a infância, a autora encontra consolo e esperança. A obra, construída por meio de recordações fragmentadas, revela uma realidade em desordem. No entanto, a função evocadora da memória pessoal e familiar; pública e privada; histórica, política e cultural misturam-se em um jogo temporal permanente. Na narrativa autoficcional, coincidem marcas de um passado glorioso de lutas, a fim de projetar um futuro promissor.

A relação de abandono e de registro da vida e da literatura na obra *Lo íntimo* é ressaltada por Iglesia (1994), para quem, ao falar de si mesma, Juana Manuela desejaria constituir uma unidade e superar a ruptura: “El diario no sólo la protege de la angustia frente a la muerte sino que la protege, sobre todo, de esa alegría un poco incómoda de seguir creando vida en la vejez” (IGLESIA, 1994, p. 15).

O exercício da escrita autoficcional atua como reconstrução do sujeito, como o faz Gorriti em *Lo íntimo* partindo da infância no ambiente rural até chegar ao tempo presente urbano da velhice: “El diario da cuenta así del difícil proceso de urbanización de la escritora desde los campos salteños de la infancia a los pequeños poblados bolivianos de la adolescencia, a la casaescuela o casa-salón de Lima en la madurez, a la habitación de un hotel en

Buenos Aires, en la vejez” (IGLESIA, 1994, p. 19). Batticuore também trata do jogo temporal no livro: “La imagen de la ruina cifra el romanticismo de su época, es en el caso de Gorriti la figura que le permite superponer los dos tiempos, el remoto y el actual” (BATTICUORE, 1994, p. 30)

A recuperação ativa da memória histórica gera uma prática crítica e constante da escrita feminina. O século XIX hispano-americano é recontado sob o ponto de vista de uma mulher, filha de general, esposa, mãe, argentina, emigrante na Bolívia e no Peru, escritora e professora. O distanciamento de sua pátria e a experiência de vida como emigrante obrigam-na à reconstrução de sua identidade nacional. Deste modo, a narração atua como forma de recuperar seu passado histórico, político e cultural. A literatura escrita no exílio carrega a nostalgia de narrar um passado irrecuperável e o resgate a pátria só pode ser feito através da escrita, segundo Molloy (1996, p. 118).

A obra de Gorriti contempla o caráter nacionalista: “é interessante notar que o século XIX é por excelência o tempo edificante dos mitos nacionais, de uma propaganda étnica nacionalista que serve interesses políticos concretos de manipulação da História” (TEIXEIRA, 2014, p. 68). O século XIX pode ser considerado como momento histórico de criação da nacionalidade, momento reconstruído, idealizado e restaurado.

O nacionalismo literário é uma atitude geral em todos os espaços tocados pelo Romantismo, determinado, sobretudo, pela resistência ao peso do Classicismo greco-latino, mas também por uma oposição contra os centros polarizadores de cultura ocidental. O teórico refere-se a Portugal, mas pode ser aplicada e estendida a outros povos (TEIXEIRA, 2014, p. 67).

O resgate político é significativo na escrita memorialística, na qual os fatos históricos são recontados para marcar a história política, a história pessoal torna-se secundária em relatos de grandes líderes, como, por exemplo, na autobiografia de Sarmiento, mencionada por Molloy (1996, p. 114), em que a história individual e pessoal confunde-se com a história de uma nação, de um país em formação. Sobre a História e a narração em *Lo íntimo*:

Tanto sus relatos declaradamente ficcionales como *Lo íntimo*, se orientan hacia una línea que demuestra que donde hay pasado hay Historia con mayúscula y donde hay Historia hay narración, y desde allí van a conjurar el

olvido y van a inscribirse en parámetros del romanticismo y de la épica. La Historia-vivida, escuchada, leída-de la patria, que va ampliándose hasta ser América del Sur, le proporcionará tres fuentes temáticas: Colonia, Independencia, Guerra Civil (MIZRAJE, 1994, p. 48).

Além de recontar a história política e pessoal, Juana Manuela apresenta uma reflexão crítica sobre o papel do historiador na sociedade. O comentário é feito sem nenhuma referência anterior, mas parece tratar-se de um acerto de contas da autora com a história contada por historiadores na Argentina sobre a guerra entre unitários e federalistas e sobre aqueles a quem ela considera heróis de guerra como o pai:

¡Cuán malo es levantar la voz para acusar a nadie!
El historiador encuéntrase a veces forzado a cumplir su doloroso deber: traza el camino de la humanidad en el porvenir.
Ese camino es la historia, y se debe a la verdad, por severa que sea, para que la humanidad no se extravíe. Pero el historiador es un juez y cuando tiene que fallar en conjeturas, debe optar por las que absuelven, no por las que condenan.
Y descendiendo a las regiones de la vida social, ¡cuán terrible, cuán odiosa es una persona malediciente! ¡y cuán amable, cuán amado y solicitado aquel que, cuando no se puede hacer un elogio, calla con indulgente silencio” (GORRITI, 2012, p. 111-112).

A auto-retratação, segundo Molloy (1996, p. 199), é o produto final dos textos autobiográficos, mas é também o que impulsiona o desenvolvimento da narrativa. A escrita autoficcional é o gesto de recrear o passado para satisfazer as exigências do presente, as exigências da própria imagem e as exigências do grupo a qual representa.

A literatura é a razão da existência de Gorriti na velhice: “Lo único que a mí me queda es esta pluma y los tres dedos que la sostienen en la obra de hacer libros” (GORRITI, 2012, p. 121) E a escrita autoficcional faz sentido na velhice, momento em que ocorre a reflexão sobre o caminho traçado, sobre as escolhas feitas. Juana Manuela reflete sobre a escrita para a mulher idosa: “En el desierto de la vejez hay para la mujer un oasis: la libertad de expresar su

entusiasmo, su libertad, su admiración, su afecto, autorizada por el dulce patronato maternal de esa era ingrata de la vida” (2012, p. 89). Gorriti escreve sobre a velhice, momento de lágrimas geladas e amargas e, para a autora, nesta etapa da vida não se deve chorar. Juana Manuela escreve da Bolívia em visita às filhas e relata a urgência em regressar a Buenos Aires, em virtude do término de seu período de licença, e de que deve voltar ao país para receber a pensão de seu pai. A autora registra que a velhice é a idade do repouso e sente-se peregrinando por uma esmola, considerando o quanto o pai perdeu financeiramente pela causa da liberdade:

He aquí yo, que en la vejez, edad de reposo, para escapar al rudo trabajo de la enseñanza, voy peregrinando en busca de un pedazo de pan que mi país me echa como una limosna cacareado y dado en cara en pago de la inmensa fortuna que mi padre prodigó para darle independencia (GORRITI, 2012, p. 46).

Ainda sobre a velhice: “La vida es un vasto campo de dolores; desde la infancia hasta la vejez encontrámoslo bajo cada uno de nuestros pasos, por todas partes, hasta en los sitios de nuestros mayores goces” (GORRITI, 2012, p. 55). E sobre a velhice para a mulher: “En el desierto de la vejez hay para la mujer un oasis: la libertad de expresar su entusiasmo, su admiración y su afecto, autorizada por el dulce patronato maternal de esa era ingrata de la vida” (GORRITI, 2012, p. 89).

A imaginação e a memória têm como traço comum a presença do ausente e, como traço diferencial, de um lado a suspensão de toda posição de realidade e, do outro, a visão de um irreal, a posição de um real anterior (RICOEUR, 2007, p. 61). Para Ricoeur, a lembrança atual é compreendida como um ato individual (RICOEUR, 2007, p. 107). E a consciência (identidade pessoal) e a memória são a mesma coisa (RICOEUR, 2007, p. 116). A escrita autoficcional forma-se a partir do jogo entre imaginação e memória, o mosaico de lembranças selecionadas é narrado com uma dose de fabulação, pois a memória não recupera os episódios tais quais eles são, mas sim como eles são recordados. E se recordar tem a origem etimológica no latim, “re” significa de novo e “cor”, coração, recordar quer dizer: “trazer de novo ao coração”. As recordações não podem ser desvinculadas do afetivo.

Segundo Ricoeur (2007, p. 172), a atividade de testemunhar algo revela a mesma amplitude e o mesmo alcance que a de contar. Gorriti é uma testemunha da história de cidades: Salta, La Paz e Lima. Ricoeur (2007, p. 172) destaca os estudos de Benveniste sobre a narrativa e o discurso no testemunho, nos quais a relação realidade e ficção serão colocadas. A factualidade atestada não pode ser, portanto, de todo confiável. O testemunho tem um caráter autorreferencial indiscutível, já que o sujeito autodenomina-se testemunha.

Ao analisar uma autoficção, Alberca declara a forma como o autoficcionista aborda a morte: “Este gesto de enfrentarse de manera anticipada a la muerte tiene mucho de presunción megalómana, en la medida que el autor aspira a diseñar o planificar el futuro o lo que es lo mismo a prever su propia posteridad” (ALBERCA, 2008, p. 98). Esta concepção de Alberca trata-se de uma herança autobiográfica, o que demarca a proximidade de seu pensamento com o de Doubrovsky.

Portanto, a tranquilidade da escritora, ao tratar do prenúncio de sua morte, ao final de *Lo íntimo*, remete à autoficção, nos termos de Alberca: “El corazón en esta época de la existencia, por decirlo así, está sombreado por una nube que avanza rápidamente sobre el cielo de la vida. Algunos días más y la luz se apagará para siempre...” (GORRITI, 2012, p. 132).

A escrita dos relatos autoficcionais ocorre como forma de perpetuar não só a história pessoal, familiar, intelectual, mas também de retratar sua terra, seu tempo, sua condição como mulher no século XIX no mundo hispano-americano. Ao sentir a proximidade da morte, Gorriti reage de modo tranquilo e lúcido: “No es que esto me atemorice ni me vuelva aprensiva: no. Sin miedo ni pasmo veo que, en efecto, esa hora se acerca. Tanto mejor, llega el tiempo en que la vida pesa como ropa mojada que es preciso cambiar” (GORRITI, 2012, p. 107).

A recordação da infância, traço da autobiografia, é feita para esquecer as dores físicas: “Sopreponiéndose a un dolor sin igual en la historia de los dolores físicos de la humanidad, estoy chapurreando estas letras que quizá no se entenderán... Los recuerdos de la infancia son un poderoso lenitivo para el dolor” (GORRITI, 2012, p. 124). A infância volta a ser

mencionada na obra em várias passagens como nas últimas páginas, na data de 2 de julho, ao narrar o castigo sofrido por ter levado uma laranja escondida no bolso da saia e tê-la comido durante a missa. Esta é uma das raras menções da autora à figura materna no livro, no acompanhamento à missa e na imposição ao castigo. Manuel Puch, cunhado de Juana Manuela, casado com a irmã da autora, defende-a para o Padre Guzmán que a acusa de causar impaciência e perturbação durante a missa por comer a laranja. Ao aproximar-se a mãe de Gorriti, que estava em outro aposento, Puch coloca palavras não ditas na boca do padre Guzmán que ele a teria perdoado por ser uma criança e sem noção de seu erro, assim disse Puch, deixando o padre em uma situação constrangedora: “¡cuántos de los niños que Cristo llamó a sí, cuando sus discípulos lo rechazaban, cuántos se acercaban a él comiendo una naranja” (GORRITI, 2012, p. 129). Na verdade quem a protegeu foi Puch com a sua astúcia e não o padre. A autora conclui: “Años después, cuando leí el Evangelio y pude comprender sus sublimes enseñanzas, comprendí también la lección que Manuel Puch dio al Padre Guzmán en estas palabras” (GORRITI, 2012, p. 129).

Em *Lo íntimo* a autora traçou a forma como deseja ser lembrada, tendo em vista que os fatos são rememorados e relatados por Gorriti no livro. Apesar da edição póstuma e sob responsabilidade do filho e da nora, Juana Manuela declara como vê a si mesma, o autorreflexo característico da autoficção encontra-se na narrativa repleta de reflexões e de críticas. A obra revela o seu comprometimento com a escrita literária, o seu estímulo às colegas escritoras, o seu meritório papel como intelectual ativa, a sua importância na construção do imaginário nacional dos três países nos quais residiu.

Em suma, a obra de Juana Manuela Gorriti é uma autoficção pelas características identificadas e analisadas no artigo: a tripla e una identidade, a voz do *eu* fabulador (que conta a própria vida, buscando compreender-se, eternizar-se através da literatura), a concepção da escrita como terapêutica e como ferramenta para o processo de autoconhecimento. O livro é construído a partir da memória individual, histórica e coletiva, apresentando, de forma ficcional, os fatos históricos selecionados. A voz narrativa feminina é testemunha de seu tempo e tem como objetivo o resgate da vida pessoal e

histórica, o reforço da imagem do pai como herói nacional e o autoconhecimento na montagem do quebra-cabeça de sua existência, realizado por meio da escrita literária autoficcional.

Por fim destaca-se a singularidade narrativa de *Lo íntimo*, mortalha tecida pela palavra que registra a vida, deseja a imortalidade e coloca a escritora Juana Manuela Gorriti, entre as precursoras da escrita autoficcional no cenário hispano-americano.

Referências

ALBERCA, Manuel. ¿Este (no) soy yo? Identidad y autoficción. In: *Pasajes: Revista de pensamiento contemporáneo*, n. 25 Ejemplar dedicado a: Libertad de expresión: límites y amenazas, Universitat de València, p. 89-100, 2008.

AMO, Álvaro Luque. El diario personal en la literatura: teoría del diario literario. In: *Castilla. Estudios de Literatura*, n. 7, p. 273-306, 2016.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BATTICUORE, Graciela. Historias cosidas, el oficio de escribir. In: FLETCHER, Lea (Org.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994. p. 30-37.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOLAÑOS, Aimée. *Pensar la narrativa*. Rio Grande: FURG, 2002.

DUARTE, Kelley Baptista. *A escrita autoficcional de Régine Robin: mobilidades e desvios no registro da memória*. 255f. Tese (Doutorado em Literaturas francesa e francófonas). Faculdade de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp155283.pdf>. Acesso em: 18 set. 2012.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revistas dos Tribunais, p. 9-17, 1990.

FAEDRICH, Anna Martins. O conceito de autoficção: de demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários-Revista de Literatura*, Araraquara, SP, n. 40, p. 45-60, 2015.

FIBLA, Nuria Girona. Ser de escritora, ser de escritura: memorias de Juana Manuela Gorriti. In: Fernández, Pura y Ortega, Marie-Linda, *La mujer de letras o la letraherida. Discursos y representaciones sobre la mujer escritora en el siglo XIX*. CSIC. Servicio de Publicaciones. Madrid, p. 309 -324, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/8533697/_Ser_de_escritora_ser_de_escritura_memorias_de%20Juana_Manuela_Gorriti. Acesso em: 10 set 2016.

GORRITI, Juana Manuela. *Lo íntimo*. Córdoba: Buena Vista Editores, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1990.

IGLESIA, Cristina. El autorretrato de la escritora. A propósito de *Lo íntimo* de Juana Manuela Gorriti. In: FLETCHER, Lea (Org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, p. 13-19, 1994.

LEDESMA PEDRAZ, Manuela. Cuestiones preliminares sobre el género autobiográfico y presentación. In: *Escritura autobiográfica y géneros literarios*, Jaén: Universidad de Jaén, p. 35-52, 1999.

MIZRAJE, María Gabriela. *La escritura velada* (historia y biografía en Juana Manuela Gorriti) Buenos Aires: Universidad Nacional de Buenos Aires, 1995.

MOLLOY, Sylvia. Memoria, linaje y representación. In: *Actos de presencia*. México: Fondo de Cultura Económica, p. 185-211, 1996.

PICARD, Hans Rudolf. El diario como género entre lo íntimo y lo público. In: *1616: Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*, n. 4, Madrid: Sociedad Española de Literatura General y Comparada, p. 115-122, 1981

RENARD, Camille. Névroses de L'individu contemporain et écriture autofictionnelle: le "cas" Fils. VALASTRO, Maria Orazio (Org.) In: *Écritures de soi en souffrance*, v.8, n. 1, 2010. Disponível em:

http://www.analisiqualitativa.com/magma/0801/article_10.htm. Acesso em: 3 maio 2015.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

ROYO, Amelia. Juanamanuela, mucho papel: Algunas lecturas críticas de textos de Juana Manuela Gorriti. Salta: Ediciones del Robledal, 1999.

TEIXEIRA, Nuno Miguel de Brito e Souza. Exílio e identidade a reconstrução dos símbolos nacionais em Almeida Garrett. In: *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre: PPG-LET-UFRGS, v. 10, n. 2, p. 67-75, 2014.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.